

experiência expressiva; isto é, que a interpretação compreensiva (no sentido existencial) é a experiência estética - pois se refere sempre, em última instância, à *aisthesis* -, e passa necessariamente por uma "hermenêutica da sensibilidade", que encara a expressão simultaneamente como atualização de uma potência de comunicação e comunicação de uma potência plasmadora. Ou, nas suas palavras: "é necessário, pois, reconhecer como fato último esta força aberta e indefinida de significar - quer dizer, ao mesmo tempo apreender e comunicar um sentido -, pelo qual o homem se transcende em direção a um comportamento novo ou em direção ao outro ou em direção a seu próprio pensamento através de seu corpo e de sua palavra"³⁴.

Se nos aprofundarmos na análise desses aspectos poderemos talvez compreender melhor o lugar e o papel da comunicação na instituição do sentido, mesmo no âmbito da própria linguagem ordinária. E com isso, talvez, possamos introduzir uma nova perspectiva para a reflexão que procura compreender - fora do campo estritamente filosófico - o sentido dos meios de comunicação não-dialógicos (ou chamados "meios de comunicação de massa") a partir do tipo de efeito que eles estabelecem no plano da experiência sensível³⁵.

³⁴ *Id.*: *Fenomenologia da Percepção*. Ed. cit., p. 204.

³⁵ A principal referência continua sendo a obra do canadense McLuhan. Cf. McLuhan, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix, s/d., especialmente o capítulo I: "O Meio é a Mensagem", pp. 21-37.

in BRASIL. COMUNICAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA
(ORG. ANTONIO FAUSTO NETO), RIO DE JANEIRO
(DEADORIM EDITORA LTDA), 1994

PARA QUE A ANTROPOLOGIA CONSIGA TORNAR-SE VISUAL COM UMA BREVE BIBLIOGRAFIA SELETIVA

Etienne Samain*

Eis vinte anos exatamente que, por ocasião do IX Congresso Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas, sediado em Chicago (1973), Margaret Mead e Émilie de Brigard - entre outros - denunciavam o "esmagador *parti pris* verbal da antropologia" e a fixação devota - para não dizer fetichista - que esta consagrava às virtudes da escrita. De forma nenhuma encaravam substituir uma maneira já clássica de fazer a antropologia por uma outra que a revolucionaria. Insistiam, sim, sobre o fato de que tanto a antropologia verbal como a antropologia visual podiam pretender - cada uma à sua maneira - observar, compreender e interpretar os fatos da cultura humana. Que importava então que cada uma delas - sabendo relativizar as pretensões que lhes eram comuns - pudesse descobrir ainda o que as tornaria *complementares* enquanto ciência de um mesmo homem. Elas pressentiam e intuam, é verdade, que não se poderia mais, num futuro próximo, falar do homem apenas "descrevendo-o". Haver-se-ia de "mostrá-lo", "torná-lo visível" para melhor descobri-lo, sendo a objetividade de tal pesquisa e de tal empreendimento não mais ameaçada pelo "visor" da câmara do que pelo "caderno de campo" do antropólogo.

* Professor no Mestrado em Múltiplos Meios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (GT - Comunicação Visual).

Vinte anos se passaram. Desde então, com efeito, algo mudou dentro dos círculos antropológicos do mundo inteiro e acredito que a antropologia começou a descobrir - provavelmente também por causa do forte impacto produzido sobre ela e sobre as sociedades humanas pelas maquinárias da comunicação moderna - que a utilização de meios áudio-visuais e informáticos poderá lhe permitir repensar seus ofícios e até de se pensar outra vez. Chegou-se, desta maneira, à hora de um primeiro balanço, de uma pausa necessária.

A antropologia visual - assim como toda ciência que se busca - descobre no seio das experiências que têm sido realizadas desde então, a complexidade do projeto que ambiciona. Quer seja, com efeito, do ponto de vista dos procedimentos metodológicos de investigação áudio-visual que procura sintonizar com as exigências críticas (e não apenas documentárias e ilustrativas) de sua pesquisa; quer seja do ponto de vista dos imperativos - técnicos e heurísticos - que lhe impõem as máquinas imagéticas de que se utiliza; quer seja, ainda, ao nível das escolhas estratégicas de assuntos possíveis de serem tratados visualmente neste amplo campo de temáticas que a antropologia oferece; quer seja, enfim, ao nível dos resultados que ela pôde esperar e, efetivamente, atingir ou, ainda, aos quais teve que renunciar... a antropologia visual, assim penso, sabe medir muito melhor, hoje, suas potencialidades e suas limitações, suas hesitações também, descobrindo, quanto ao mais, outras tarefas, outros esforços e esclarecimentos que se fazem necessários, indispensáveis à sua constituição enquanto ciência.

São precisamente algumas dessas interrogações - simples reflexões, na maioria dos casos - que gostaria de formular agora. Sem serem triviais, poderão elas ou parecer óbvias, ou ainda não diretamente vinculadas à ciência antropológica como tal. Corro desta maneira o risco ingênuo, ou de arrombar portas já abertas, ou de tentar abrir outras que poderemos nos apressar em fechar. Essas reflexões terão assim como único mérito o de traduzir - embora a títulos diversos - o que um grupo de colegas-antropólogos pensam também de uma antropologia visual que

entendem organizar e desenvolver no âmbito do Departamento de Mídias da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

1. Parece-me, primeiro, que haveria de se perguntar novamente o que se espera das *imagens* em antropologia ou, mais precisamente, a que destinos entendemos dever conduzi-las, como e em vista a que invocamo-las, pretendemos utilizá-las e delas tirar proveito, antropológicamente falando. Será que as encararemos como um *finem in se*, objeto de pesquisa antropológica *como tal*? Neste caso - e somente então - poder-se-á falar de uma *antropologia visual* no sentido estrito da palavra. Será, pelo contrário, que a imagem deva servir de *ponto de apoio*, de *isca* ou de *estopim*, de *âncora* ou de *suporte*, de *meio* ou de *argumento* em vista a um discurso complementar ou subsequente (e, geralmente, verbal) ?... Diria, então, - e sem dever minimizar o valor e a importância dessas outras abordagens - que a imagem, assim mobilizada, permanece um *pré-texto* (no duplo sentido da palavra), pretexto e alibi suficientes para que se possa fundar uma antropologia que, todavia, chamaria de *antropologia (exploratória) do visual*.

Em ambos os casos, haverá ainda de se perguntar *a que destinamos* essas imagens. Servirão elas para documentar, descrever uma realidade, inventariar situações particularmente complexas ou rememorar? Servirão elas para instrumentalizar politicamente uma população, para fazer sentir e fazer pensar tais outros segmentos de uma sociedade ou, ainda, resgatar a memória de um grupo humano que desaparece...? As finalidades podem ser das mais diversas; resta que as metodologias de abordagens não são menos diversas.

Tal clivagem parece-me útil talvez por nos permitir ordenar com mais clareza um conjunto de proposições e de realizações das mais variadas, cujas disparidades de intenção acabam forçosamente embaralhando e turvando as pistas de uma procura de metodologias mais precisas e que melhor poderiam servir a cada uma delas.

Esta clivagem me parece mais decisiva, desta vez, se, efetivamente optarmos por fazer uma antropologia visual no sentido estrito do termo. Neste caso - e assim penso - o antropólogo deverá necessariamente se desdobrar e ser, ao mesmo tempo e pelo menos - se não for ainda um fotógrafo, um videógrafo, um cineasta de talento (o que, também, há de se esperar) -, um profissional consciente dos problemas postos por toda imagem (e cada uma na sua especificidade técnica) na medida em que, singular e precisamente, pedimos a esta imagem que seja tanto mensagem como informação crítica e estética de um real humano; na medida, também, em que esta imagem - e isto, não-lo temos muitas vezes esquecido - alimenta, provoca e engaja, de uma *outra maneira* do que sob o registro da escrita, nosso *pensamento e nosso imaginário*. Em outras palavras, o antropólogo visual deve ser mais do que um antropólogo, se é verdade que busca mesmo pensar, entender o mundo e fazê-lo descobrir *visualmente* para outros. Bastaria aliás, nesta linha de raciocínio, lembrar que pesquisadores tais como Abram Kardiner ou Géza Róheim nunca teriam se atrevido propor ao público seus ensaios de antropologia psicanalítica se, previamente, não tivessem mergulhado seriamente em ambas as disciplinas. Assim sendo, acrescentaria que não são somente problemas de natureza mais teórica - como aqueles, por exemplo, do estatuto epistemológico das imagens e dos médiuns - que, ao se impor, requerem toda a atenção do antropólogo visual; são ainda esses tantos outros questionamentos relativos aos processos, códigos e condições - e de produção, e de transmissão, e de recepção/leitura - dessas mensagens e dessas estéticas imagéticas que se tornam imprescindíveis de serem desvendados, se quisermos constituir uma antropologia visual. Sem isto, ou conseguiremos expressar mal, através de imagens, aquilo que podíamos já dizer - e, às vezes, de maneira mais satisfatória - por meio de palavras; ou deveremos renunciar e, de antemão, enterrar o projeto de se fazer descobrir, por meio das imagens, aquilo que os discursos antropológicos, quanto muito, podiam esperar evocar, sugerir parcialmente ou, simplesmente, dever esquecer de vez.

Com poucas palavras é para resumir, proporia essas três questões. O que significa e vem a implicar o "fazer audiovisual" em antropologia, e quais seriam as medidas práticas e metodológicas que poderiam torná-lo mais viável e mais eficaz no futuro? Qual é e será esse potencial comunicacional, descritivo e estético - sempre singular - que cada um desses meios da comunicação áudio-visual moderna permite e tornará ainda possível, tanto no nível do registro visual como no do tratamento das informações recolhidas? O que significa, enfim, esta questão complementar, mas decisiva, na nossa época, das interações possíveis - informativas e estéticas - entre esses diferentes suportes e médiuns?

2. Isto me conduz a uma outra consideração. Como antropólogo, parei de me admirar do fato de que temos podido "inventar" uma antropologia "visual", antes mesmo termos ousado colocar mais claramente a questão de uma *antropologia da visualidade humana tout-court*. Quero lembrar esses fatos muito singelos. Será que todos nós - crianças - não temos primeiro *visto e contemplado* o mar, antes - e bem antes - de ter conseguido *nomeá-lo e dele falar*? Que dizer então dos tantos outros anos que nos foram necessários para chegar, algum dia, a *escrever* seu tão pequeno nome. Eis assim que, após outros milhares de anos, dispomos, hoje, de todo um arsenal de próteses tecnológicas capazes de se sobrepor ao nosso olho humano. Máquinas mas, sobremaneira, verdadeiras maquinações na medida em que, dinamitando, em algum lugar e de alguma maneira, nossa visão originária, essas máquinas desdobram e ampliam nosso olhar, abrindo-o a outras dimensões espaciais e temporais, a outros pontos e ângulos de visão; conduzindo-o ainda a apreensões, captações e capturas da realidade humana, outrora - e para a maioria delas - simplesmente *inimagináveis*. Pois se, atualmente, podemos fotografar o mar, filmar em velocidade reduzida o movimento das ondas, registrando simultaneamente o canto delas, que pensaremos do fato de que nós, antropólogos, mas também os homens e as sociedades que estudamos, podem já - e

bem longe do mar - "criar" o mar, "representar" o mar, "imaginar" o mar? Mar virtual, desta vez, enquanto gerado pelos múltiplos possíveis de um programa informático; mar ficcional ainda, mas cujo "realismo imaginário e imagético" vem precisamente cruzar a realidade concreta que o mar nos dava, dele mesmo e até agora, somente a ver e a observar. Em função desta revolução da comunicação áudio-visual, penso que não é exagero dizer que os antropólogos serão conduzidos, em breve, a *pensar os homens e as sociedades humanas em quadros imagéticos* que deverão lhes lembrar - em outros termos, claro - aqueles dentre os quais outros homens e outras sociedades viveram, quando sabiam construir e fabricar seus *mitos* (seja dito de passagem: produções cheias de imagens e de imaginários) e tinham aprendido, também, a existir por causa e em nome deles. É verdade que são questões que nos levam longe demais e que não posso desenvolver aqui.

Havia levantado a questão de uma antropologia da "visualidade humana tout-court". É a ela que volto. Vou tentar me explicar, propondo-lhes três outras questões de cunho antropológico, relacionadas entre si e que lhes peço confrontar mentalmente com uma prática de "antropologia visual".

- Qual o papel [decisivo, acho] que desempenha a visualidade [para não ter que falar aqui dos outros canais sensoriais, com os quais está relacionada] - natural e originária - do homem na produção de suas primeiras *representações* do universo e, em resultado, na constituição e na emergência de seu *pensamento*? Qual o papel, mas também, através de que mecanismos neuro-fisiológicos se constrói o pensamento humano? Mecanismos estes cujas estruturas e cujos possíveis códigos de apreensão e de organização da realidade ignoramos ainda quase que por completo.

- Como, desde este tempo originário do homem - que, aliás, ainda somos - articulam-se esta visualidade e este pensamento, quando entram em contacto e em relação com a palavra e, sobretudo, com a escrita, isto é com outros

instrumentos/meios da comunicação humana, os quais nos impõem outras lógicas bem como nos proporcionam outras operações cognitivas; os quais, ainda, tornam possíveis e determinam outros modos, outras maneiras de dizer o mundo, de organizá-lo socialmente e de produzi-lo culturalmente, como bem o mostrou Jack Goody, falando da "razão gráfica", ou, se se preferir, da "domesticação do pensamento selvagem", isto é, da passagem e desta "grande dicotomia" entre a oralidade e a escrita. Passagem e grande "partilha" que deveríamos, daqui para frente, saber estender e oferecer tanto à visualidade quanto aos demais canais sensoriais humanos.

- Mas, indo mais adiante, o que vem a significar - em termos não apenas e unicamente antropológicos mas, ainda, heurísticos - o encontro e a mixagem de práticas cognitivas e comunicacionais seculares (visualidade, oralidade e escrita) com os mais recentes aparatos tecnológicos da verbo-visualidade contemporânea (som, fotografia, cinema, vídeo, informática) e suas novas - respectivas e complementares - potencialidades cognitivas e culturais quando, precisamente, estimamos que são *esses* aparatos tecnológicos que *podem e poderão servir à fundação e à prática* de uma antropologia visual? Eis algumas das questões que, enquanto antropólogo da visualidade, preocupam-me, e muito. Existem outras como, por exemplo, a da existência de um "pensamento visual" ou, ainda, a dos "modos" de funcionamento deste pensamento visual... Deixo, no entanto, essas questões de molho, querendo - e à guisa de conclusão - partilhar com vocês uma experiência um pouco mais pessoal. Experiência essa que, talvez, poderá nos ajudar a revisitar, com base em outros horizontes e parâmetros críticos, questões relativas, desta vez, a outras explorações possíveis da fotografia em antropologia visual.

3. Eis então o que me aconteceu em janeiro passado. Propunha-me delinear os contornos de uma disciplina que tem como título "Fotografia e Pesquisa em Ciências Humanas". Tinha, ao meu lado, livros e artigos, estudos e ensaios de antropologia

visual fotográfica que procurava encarar da maneira mais positiva que fosse. Esses trabalhos me interessavam tanto quanto me desesperavam e acabavam me irritando. Para começar e, provavelmente, por causa da fragmentação dos conceitos, das temáticas e dos assuntos tratados mas, sobretudo, por causa da grande pobreza imagética que testemunhavam. Se o discurso antropológico não faltava, era pouco o que se procurava oferecer *a ver, a sentir e a pensar imageticamente*. Foi então que nasceram minhas primeiras dúvidas e suspeitas no que diz respeito à possibilidade, até, de poder fundar uma antropologia visual fotográfica. Fechei assim - e por longos momentos - meus olhos, como se fosse o remédio que me restava para enxergar novamente. Sentia que eu precisava ver imagens, muitas imagens, montanhas de imagens... Assim sendo, foram, desta vez, os livros e os artigos que recuaram, antes de desertar minha mesa de trabalho.

Durante cerca de três semanas consecutivas, fui instalar-me na biblioteca de nosso Instituto, apenas olhando fotografias reunidas em álbuns e coleções de publicações do gênero. Solitário, ao longo dessas semanas, deixei-me fascinar e enfeitiçar por imagens, olhando para elas como nunca havia olhado (como também nunca havia tomado o tempo de perscrutá-las). Adormecia, na época, com milhares de visões humanas na cabeça, o que me deixava feliz, pois essas fotografias me contavam o mundo e me diziam também os homens: seus amores, seus labores; a vida, o sofrimento e a morte; suas mãos, seus olhos, seus olhares, seus corpos, seus sexos; as paixões, as loucuras, as ternuras, as guerras... Será que vocês já fizeram a experiência de passar três semanas de sua vida, tomando o tempo, todo o tempo de olhar fotografias, fotografias de fotógrafos? É uma experiência que recomendo, pois ela transforma profundamente nossa maneira de olhar as coisas, de encará-las... até quando se trata de preparar um curso de antropologia visual fotográfica, como era o meu caso. O que apreendi de tão particular?

- Tive, primeiro, que descobrir essa evidência, este truísmo: não existem fotografias que não sejam portadoras de um conteúdo humano e, conseqüentemente, que não sejam antropológicas a sua maneira. Toda fotografia é um olhar sobre o mundo, levado pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo. Até as fotografias mais abstratas, mais retrabalhadas tecnicamente, não escapam a esta condição primordial: de serem, sempre, índices, marcas, rastros de fatos de existência e de intencionalidades humanas que, nelas, se misturam e se dão a ver. O que procuramos, então, *de tão mais diferente, específico ou singular*, quando projetamos e nos propomos a fazer uma antropologia visual fotográfica? Eis um desafio que lanço e ao qual - nós antropólogos - teremos, pelo menos, que dar, um dia, respostas convincentes. Mas devemos ir mais adiante ainda.

- Vi milhares de fotografias, realizadas por fotógrafos, isto é, por pessoas que, geralmente, não são antropólogos de formação. Direi assim que encontrei, nos trabalhos deles, muito mais antropologia do que nos trabalhos visuais de antropólogos que faziam fotografia antropológica. A que isto se deve? Ao invés de ressuscitar a clássica controvérsia existente entre antropólogos e fotógrafos, a qual, afinal das contas, não passa, num campo e noutro, de um disfarce cômodo tanto quanto penoso e chato de se manter num *statu quo* improdutivo, prefiro tentar entender as razões de nossas diferenças.

O que me parece estar em jogo, em ambos os lados, é a busca de uma *qualidade da mensagem imagética*. Qualidade - primeiramente - *significa, estética e poética* - da imagem fotográfica que, com toda razão, reivindicam os fotógrafos. Qualidade *contendística* da imagem, que pensamos, nós, antropólogos, devermos privilegiar, para que seja, primeiramente, uma imagem antropológica. Como se *uma e outra qualidade* não pudessem co-existir numa *única* fotografia. Olhem para algumas fotografias de August Sanders, de Edward S. Curtis, de Eugène Atget, de Henri Cartier-Bresson, de Manuel Álvarez Bravo, de Sebastião Salgado... e de tantos outros. O que faz com que essas fotografias

não sejam apenas *belas* mas que nos toquem *antropologicamente* falando? Qual seria, então, essa pretensa cesura e censura, este falso distanciamento que se procuraria erguer entre duas *aproximações complementares*, duas tentativas de se responder a uma mesma *necessidade*: a de dizer o homem? Qual seria? Senão, provavelmente, a dificuldade, onde nós nos encontramos, todos, de poder conjugar uma *arte do saber ver* e uma *arte do poder dizer e do fazer pensar* através de *imagens*. E me pergunto ainda: será que não somos, no fundo, pessoas viciadas pela *escrita* e apenas nascidas à *visualidade*? O que seguramente nos falta é não ter reconhecido suficientemente que nunca "diremos" com "imagens" o que procuramos "mostrar" e "ilustrar" através de "palavras" ou, melhor dizer, que nunca saberemos e poderemos dizer as *mesmas* coisas da *mesma maneira*. Dito isto, penso que uma imagem antropológica medíocre é pior do que um artigo antropológico péssimo.

- Mas foi, ainda, olhando para todas essas fotografias que me perguntei se - em vista a um aprofundamento de uma antropologia visual fotográfica - não teríamos que lucrar - e muito, talvez - , procurando realizar um mapeamento mais sistemático de autores-fotógrafos que, desde que nasceu a fotografia, utilizaram-se dela em áreas próximas às ciências do homem (antropologia judiciária, antropologia médica, antropologia física, antropometria humana, antropologia do movimento humano...) ou que, fora dessas áreas, souberam nos deixar obras, que, por outras razões ainda, permanecem, hoje, eminentemente antropológicas. Concretizar tal mapeamento mas, sobremaneira, perguntar-se *em virtude de que e por que* tais trabalhos nos fascinam *antropologicamente*.

Feito este primeiro inventário, importaria poder ultrapassar, deste vez, um marco - clássico demais - quando se quer falar dos começos da antropologia visual fotográfica, a saber o famoso e notável *Balinese Character*, de Gregory Bateson e de Margaret Mead, publicado em 1942, como se, anteriormente a esses autores, outros antropólogos não se tinham utilizado da

fotografia. Desta vez, seria ao lado de pesquisadores tais como Alfred Cort Haddon, C. G. Seligman, Walter Baldwin Spencer e Frank Gillen, Pitt-Rivers, Bronislaw Malinowski, Franz Boas... que deveríamos nos dirigir, descobrindo melhor como, no final do século passado e nos primórdios do século XX, esses autores e outros conceberam e se serviram da fotografia, que lugares lhe alocaram e a que funções a destinaram.

Enfim, será que poderemos entrever a possibilidade de se criar um outro campo da antropologia visual, a qual consistiria, desta vez, em um exame antropológico, crítico e sistemático, de criações e produções visuais realizadas por fotógrafos, contemporâneos ou não? Produções e criações culturais imagéticas estas que, todas, têm, pelo menos, o mérito de serem os *reflexos* - de sensibilidades, de expectativas, de estilos, de questionamentos, de interesses e de dinâmicas sociais -; conseqüentemente, importantes fontes que poderiam nos *revelar visualmente* o que as sociedades humanas, em momentos diversos de sua história, procuram dizer, fazer sentir, através de imagens; o que estas sociedades pensam, também, dever viver, esquecer ou promover.

BREVE BIBLIOGRAFIA SELETIVA

I. COLETÂNEAS DE ARTIGOS

- BANTA, M. e HINSLEY, C. *From Site to Sight: Anthropology, Photography and the Power of Imagery*, Cambridge, Mass. (Peabody Museum of Harvard University Press), 1986.
- BRAUEN, M. (ed.). *Fremden-Bilder, Frühe ethnographische Fotografie, Fotografien vom Royal Anthropological Institute London*, Zurich (Ethnologische Schriften Zurich, Volkerkundemuseum der Universität), 1982.
- BURGIN, V. (ed.). *Thinking Photography*, London (Macmillan), 1992.

- CLIFFORD, J. e MARCUS, G.E. (eds.) *Writing Culture*, Berkeley (University of California Press), 1986.
- CRAWFORD, P. e TURTON, D. (eds.) *Film as Ethnography*, Manchester (University Press), 1992.
- CRAWFORD, P. e SIMONSEN, J. K. *Ethnographic Film, Aesthetics and Narrative Traditions - Proceedings from NAFA II*, Intervention Press, Castenschioldsvvej 7, DK-8270 Hojbjerg, Denmark, 1992.
- EDWARDS, E. (ed.). *Anthropology & Photography 1860-1920*, New Haven e London (Yale University Press), 1992.
- GARRIGUES, E. (ed.). *Numéro Spécial: Ethnographie et Photographie* da Revista *L'Ethnographie*, CXXXIII Ano, Tomo LXXXVII,1 (n. 109), Paris 1991.
- GROSS, L. (ed.). *Studying Visual Communication*, Philadelphia (University of Pennsylvania Press), 1981.
- GROSS, L., KATZ, J. e RUBY, J. (eds.). *Image Ethics*, New York (Oxford University Press), 1988.
- HOCKINGS, P. (ed.). *Principles of Visual Anthropology*, The Hague-Paris (Mouton), 1975.
- HOCKINGS, P. e YASUHIRO, Omori (eds.). *Cinematographic Theory and New Dimensions in Ethnographic Film*, Osaka (National Museum of Ethnology, Série: Ethnological Studies, 24), 1988.
- HUSMANN, R.; RÜHL, J.; TAUREG, M. e WELLINGER, I. *A Bibliography on Ethnographic Film* (Compilação de uns dois mil títulos), LIT-Verlag, Hallerplatz, D-2000 Hamburg, 13, Germany.
- MORPHY, H. e EDWARDS, E. (eds.). *Australia in Oxford*, Oxford (Pitt Rivers Museum), 1988.
- ROLLWAGEN, J.R. (ed.). *Anthropological Filmmaking. Anthropological Perspectives on the Production of Film and Video for General Public*, New York (Harwood Academic Publishers), 1988.

- SQUIERS, C. (ed.) *The Critical Image. Essays on Contemporary Photography*, Seattle (Bay Press), 1990.
- TAUREG, M. e RUBY, J. (eds.). *Visual Explorations of the World*, Aachen (Edition Herodot), 1987.
- WAGNER, J. (ed.). *Images of Information. Still Photography in the Social Sciences*, Beverly Hills-London (Sage Publications), 1979.

2. MONOGRAFIAS

- BATESON, G. e MEAD, M. *The Balinese Character: A Photographic Analysis*, New York (New York Academy of Sciences, Special Publications, 20), 1942.
- CHIOZZI, P. "Reflections on Ethnographic Film with a General Bibliography". In *Visual Anthropology*, vol.2, 1989 (Harwood Academic Publishers), p. 1-84.
- COLLIER, J. e COLLIER, M. *Visual Anthropology. Photography as a Research Method* (Nova edição ampliada), Albuquerque (University of New Mexico Press), 1986.
- DE HEUSCH, L. *Cinéma et Sciences Sociales. Panorama du film ethnographique et sociologique*, Paris (Unesco: Rapports et Documents de Sciences Sociales, n. 16), 1962. Republicado em lingua inglesa: "The Cinema and Social Sciences. A Survey of Ethnographic and Sociological Films". In *Visual Anthropology*, 1987, 1 (2): 99-156.
- FRANCE, Claudine de., *Cinéma et Anthropologie*, Paris (Editions de la Maison des Sciences de l'Homme), 1982.
- HEIDER, K. *Ethnographic Film*, Austin (University of Texas Press), 1976.
- HUNTER, J. *Image and Text*, Harvard (University Press), 1988.

LEVINE, R. M. *Images of History; Nineteenth and Early Twentieth Century Latin American Photographs as Documents*, Durham, N.C. (Duke University Press), 1989.

NICHOLS, B. *Representing Reality. Issues and Concepts in Documentary*, Indiana (Indiana University Press), 1992

TAGG, J. *The Burden of Representation: Essays on Photographies and Histories*, London (Macmillan Education), 1988.

3. ALGUMAS REVISTAS IMPORTANTES

Anthropology Today (J. Benthall, ed.). Assinatura: Inglaterra, Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, 50 Fitzroy Street, London W1P 5HS, United Kingdom. Fax (0462)- 480947.

CVA Newsletter. Bulletin de la Commission d'anthropologie visuelle (ed. P.I. Crawford). Distribuição para América Latina: Instituto Superiore Regionale Etnografico, via Mereu 56, I-08100 Nuoro, Sardinia, Italy.

Studies in Visual Communication (eds. L. Gross e J. Ruby). Endereço: P.O. Box, 13358, Philadelphia, PA. 19101-3358: Anneberg School Communication. Publicada de 1980 até o n. 4 do vol.11 de 1985, quando toma o título *Studies in the Anthropology of Visual Communication*.

Studies in the Anthropology of Visual Communication. Endereço: Anneberg School Communication P.O.BOX 13358 Philadelphia PA 19101.

Visual Anthropology (P. Hockings, ed.). Assinatura: USA. P.O. BOX, 786, Cooper Station, New York, N.Y 10276. Fax (212)- 645-2459)

Visual Resources (USA, desde 1980): Gordon&Breach Sciences Publishers Inc. 50 West, 23rd Street, New York 10010; Assinatura: 1.Bedford Street, London WC2E-9PP, Inglaterra; Fax: (212) 645-2459.